

Resenha da Publicação:

REDMAN, Graham F. **Rito de York Atualizado: Trabalho de Emulação e Aperfeiçoamento.**
São Paulo: Editora Madras, 2011. 157 Páginas.

Antônio Jaimar Gomes ¹

Introdução

A editora Madras tem feito um esforço muito benéfico à Maçonaria Brasileira no sentido de trazer obras originais de autores renomados e bem respaldados da Inglaterra e outros centros Maçônicos respeitados, contribuindo para trazer ao Maçom dedicado ao estudo, fontes originais e de uma Maçonaria mais antiga e próxima de sua origem.

O livro *O Rito de York Atualizado* de Graham Redman é um exemplo bem claro disto. Ao longo dos anos temos visto debates e mais debates e insistentes tratados sobre o Inominado Rito Inglês praticado no Brasil (Emulação ou York?) e poucos tinham acesso a algo além dos Rituais editados pelas três Obediências Regulares no Brasil, em especial pelo Grande Oriente do Brasil. Mas Redman é membro Sênior da Comissão de Preceptores da famosa *Emulation Lodge of Improvement*, responsável desde 1823 por ensinar e padronizar o ritual aprovado pela Grande Loja Unida da Inglaterra de 1816, além de integrante da Grande Secretaria da GLUI e uma fonte das mais seguras para o estudo do mais praticado ritual inglês.

A obra é claramente definida pelo autor

como um manual para ser usado junto ao ritual para auxiliar os Irmãos que veem diferenças e adaptações desnecessárias, ora por excesso de zelo ou ora falta dele. O escopo do livro é basicamente oferecer, não um roteiro exaustivo, mas apontar divergências, dirimir dúvidas e ainda fornecer um modelo bem explicado do que é o trabalho ritualístico da *Emulation Work*. E não somente do trabalho Ritualístico como também dos aspectos históricos e dos usos e costumes dos Irmãos Ingleses que frequentam a célebre Oficina.

O que é digno de nota, é que já no início, há um prefácio do revisor técnico visando explicar a escolha do título adaptado da obra em detrimento da tradução exata do título original *Emulation Working Today* (Trabalho de Emulação Atualizado) ou uma adaptação mais sutil (Trabalho de Emulação nos dias de Hoje). Cezar Alberto Mingardi alega que nenhum título traduziria melhor o Rito que está sendo tratado na obra, embora esteja amplamente difundido, até mesmo nos Rituais do GOB, que o termo York é incorreto e que todos os praticantes sabem disto, como se ainda não bastasse a já mencionada abundância de trabalhos no sentido de esclarecer está confusão. Há, na verdade, um esforço por

¹ Antônio Jaimar Gomes é Professor Universitário Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana. É Iniciado na Loja "Dr. Antônio Gentil Fernandes" Nº 4 – GLERN e Mestre Maçom da Loja "Bento Gonçalves" Nº 11 – GLOMERR; Maçom do Real Arco do Capítulo "Luz Sobre Trevas" Nº 8 - Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil; e Mestre Escolhido do Conselho Amazonas do Grande Conselho de Maçons Crípticos do Brasil; Sênior DeMolay, Chevalier, Presidente da Comissão de Ritual e Liturgia do SCODRFB (2011-2013 e 2013-2015).

perpetuar o erro, mesmo diante de tantas provas cabais do equívoco como, por exemplo, o termo York não ser citado no decorrer do trabalho do Irmão Redman,

Começando com um relato histórico sobre o Trabalho de Emulação no primeiro e uma explanação sobre seus objetivos no segundo, o livro segue com mais 25 pequenos capítulos onde há a descrição do trabalho de cada cargo, informações para melhorar o desempenho das funções dividindo-se em três partes, sendo uma introdutória, outra relativa aos deveres dos Oficiais Regulares e outra aos Oficiais assistentes, depois encerra com dois índices sobre pronúncia ou formas de realizar o trabalho de cor.

Parte I: Emulation Lodge of Improvement

No primeiro Capítulo, o autor traz um relato bem sucinto, contudo claro e eficaz sobre como surgiu a Loja Emulação de Aperfeiçoamento no ano de 1823 sem entrar em detalhes das rusgas pré-1813. Seus fundadores são originários da Loja de Instrução Stability, bem como da Burlington e Perseverance, adicionando à sua prática de Ritual, as demonstrações feitas nestas e também em outras conhecidas Lojas tais como a Grand Stewards, tendo por base o Ritual já praticado por esta e pela Loja Reconciliation, a mais famosa destas.

Este primeiro relato é breve, visto que a História não é o objetivo do livro, mas clarifica aos menos afeiçoados a este modo Inglês de praticar ritualística. Ainda assim, suas palavras nos levam a entender que a Emulation Lodge é fruto da união de vários Irmãos para praticar em forma de estudo o ritual aprovado pela GLUI recebendo de cada Loja usos e costumes para ensino e preleção.

O encerramento deste Capítulo se dá com um panorama do Trabalho de Emulação nos dias de hoje. Podemos ver a compunção do autor em relatar que apesar dos trabalhos ainda acontecerem regularmente com afinco e precisão, o número de Irmãos tem diminuído e o que foi vaticinado pelo Ilustre Irmão Colin Dyer, de que o de-

créscimo dos membros seria passageiro, prova-se incorreto. As causas para tal quadro, segundo Redman, são [...] *pressões sociais entre outras que, nos últimos anos, atrapalharam a frequência regular semanal e não há sinal no presente de diminuição dessas pressões.* (p. 29)

O objetivo deste livro

Neste Capítulo, o objetivo do livro é esmiuçado bem como a metodologia usada e os assuntos abordados. O autor ainda expressa sua tentativa em ser o mais descritivo quanto possível, embora não se escuse de pontuar suas opiniões quando julga necessário.

Uma constatação é feita por Redman:

A maior quantidade de detalhes mostrados na rubrica do ritual encorajou [...] os Irmãos a acreditar não haver mais necessidade de frequentar uma Loja de Instrução para aprender o método de trabalho correto. Enquanto é possível [...] aprender as palavras do ritual com um livro as ações são outra história. Para elas não há substituição para o tipo de experiência obtida na Loja. (p. 27)

Com isto, embora considere que os rituais cada vez mais detalhados sejam por demais autoexplicativos, ainda é indispensável frequência assídua à Loja para um trabalho mais apurado.

Parte II: Considerações gerais

Os pontos levantados neste Capítulo são essenciais para a compreensão do livro e para o desenrolar de todo o restante, evitando repetições desnecessárias ao explicar previamente os deveres comuns dos Oficiais e o comportamento daqueles que não estão assumindo cargos.

Uma contribuição que merece destaque é a distinção entre ritual e procedimento. O pri-

meio diz respeito às [...] *formas das palavras e as ações associadas usadas nas várias cerimônias demonstradas no Ritual de Emulação publicado* [...] (p. 31). Enquanto isso, os procedimentos são as partes que não necessariamente estão escritas no ritual comum, mas que [...] *por sua natureza precisam ser conduzidos com certa formalidade.* (p. 31)

Há outra distinção entre cerimonial e ritual. Neste caso palavras estão para ritual como ação está para cerimonial. Ou, [...] pode ser utilizada em contraste a procedimento, abrangendo o conjunto completo de palavras e ações [...] (p.31). Cerimonial ainda se aplica às cerimônias conduzidas pela Grande Loja Unida, pelas Metropolitanas, Provinciais ou Distritais.

O assunto do capítulo passa a ser a prática do ritual e alguns pontos de divergência e precisismo como a exagerada pompa para se fazer o sinal, a má interpretação de sinais como o de Reverência e Fidelidade que se confundem pela simples posição do polegar. O mesmo se aplica para outras dúvidas que atingem Lojas que vão além mesmo do Trabalho de Emulação, como é o caso do juramento de fidelidade ao final dos trabalhos. Segundo Redman, não se trata de sinal algum, mas da repetição de um gesto com a mão direita, visto que [...] *a Loja está neste momento fechada e, por isso, qualquer sinal é inapropriado.* (p. 32) Este ensinamento deveria ser aplicável a outros Ritos usados em potências brasileiras, onde sinais são dados depois que a Loja está fechada.

Em uma dessas partes ressaltamos a habilidade do tradutor e sua honestidade em manter as formas das palavras que servem de opção aos leitores anglófonos. Ao invés de traduzir tudo e deixar o leitor na dúvida sobre como palavras distintas como enquanto e durante podem ser deslize de pronúncia, manteve o original e após sua tradução em colchetes, deixando bem claro quando lemos *while* e *whilst*, por exemplo.

O encerramento das considerações gerais se dá com um belo ensinamento: *Ficamos todos propensos a presumir que a forma como agimos*

em nossa Loja seja a única, ou a melhor forma. No entanto, apenas porque uma Loja faz algo diferente, não devemos nos precipitar em julgá-la errada. (p. 35)

Abre-se então a descrição dos deveres ritualísticos e cerimoniais de cada cargo com seus procedimentos e até mesmo normas de etiqueta Maçônica que são assunto de outra obra do mesmo autor, mas são levemente mencionadas na obra.

Quem abre a lista dos Oficiais é o Cobridor cujo padrão em algumas Lojas é que seja um funcionário remunerado e o faça, por vezes, em mais de uma Oficina. Já o Guarda Interno, que vem em seguida é o primeiro cargo eletivo de um Irmão que visa chegar um dia ao posto mais elevado de uma Loja.

Os Diáconos ocupam três Capítulos do livro: um para instruções comuns aos dois cargos e um separado para cada. Isto se justifica tanto pela eliminação de repetições quanto pela importância deles no trabalho ritualístico que não é pouca. Eles podem tanto transformar uma cerimônia na mais bela experiência ou arruinar a primeira impressão de um iniciático. Tudo depende de seu afinco no estudo e execução dos rituais.

No Capítulo seguinte, o conteúdo refere-se aos poucos deveres do Secretário nas matérias ritual e procedimentos. Aliás, seguindo a linha do autor, há muito mais do segundo que do primeiro. Ele tem deveres Cerimoniais limitados à leitura de dos deveres do Venerável Mestre na Instalação, o restante diz respeito aos procedimentos regulares e à administração.

A menção ao Tesoureiro é puramente uma forma de privilegiá-lo. Não há funções cerimoniais ou procedimentais. Até mesmo a parte administrativa, nos costumes ingleses eram desempenhados pelo Secretário até bem pouco tempo.

Na Emulation Lodge, os vigilantes não têm muitas funções, sequer são eleitos. Os cargos eletivos são os de Venerável Mestre, Tesoureiro e Guarda Interno, sendo todos os demais nomeados. O motivo para isto, segundo Redman é [...] *aprender o trabalho do Venerável Mestre.*

(p.73)

Ritualisticamente, suas funções são de ajudar a abrir e fechar a Loja, bem como ajudar no terceiro grau na forma usual. Eles ainda são responsáveis pelo encerramento naquele Grau, apresentando os sinais substitutos do Mestre, que mostram sua ligação com o Santo Arco Real, complemento daquela parte da cerimônia.

No que se refere ao Mestre Eleito, o capítulo é um manual para a Instalação. Poderia fazer parte do Capítulo do 1º Vigilante ou do Venerável Mestre, mas Redman achou por bem fazê-lo em separado, evitando mais uma subdivisão do Capítulo. O autor explica com detalhes os procedimentos para a Instalação, quando podemos notar a simplicidade e praticidade dos rituais ingleses. Quando um Mestre Instalado é reconduzido ou assume algum outro posto, subentende-se que ele conhece sua função e as partes descritivas são omitidas ou abreviadas como forma de dar fluidez e celeridade à Cerimônia. Contudo, esta praticidade não acontece no Trabalho de Emulação, que tem por princípio exemplificar o trabalho por completo.

O Capítulo mostra-se bem útil para que o Mestre Eleito não fique perdido e a Cerimônia não seja prejudicada por dúvidas de última hora ou com a troca das fórmulas na instalação dos Oficiais, pois os Vigilantes são seus, enquanto o Secretário e o Tesoureiro são da Loja e assim por diante.

O Venerável Mestre recebe do autor uma atenção bem maior, condizente com a importância e responsabilidade da função. Assim, Redman aconselha que o Venerável Mestre atenha-se bem às suas funções ritualísticas antes de chegar ao cargo porque uma vez nele, seu tempo se voltará muito mais para seus afazeres administrativos.

Como não é o escopo do livro tratar da administração, o Capítulo ficou dividido em cinco partes, sendo que a primeira faz uma introdução às funções e à responsabilidade do Venerável Mestre e as demais partes trazem processos mnemônicos e o comportamento do Oficial nas

Cerimônias, abertura e encerramento dos trabalhos e nos banquetes.

O que se refere ao banquete é muito mais um manual de etiqueta do que de procedimentos em si, onde lemos a marcação do momento de liberar os Irmãos para fumarem ressalvadas as normas de saúde e segurança, algo impensável no Brasil seja qual for o Rito, Ritual ou Obediência.

A seguir o autor faz uma descrição tão detalhada quanto possível dos trabalhos de Instalação do Venerável Mestre apontando as diferenças se o Mestre Eleito é um Mestre Instalado ou não e as variações advindas disto. Este detalhamento torna o Capítulo bem mais extenso, mas se for usado juntamente com o Cerimonial de Instalação para uma leitura prévia, certamente garantirá uma boa performance.

Notamos que na Emulation Lodge, o costume é que o Past Master Imediato faça a Instalação de seu sucessor, com a cessão deste dever e privilégio a outra pessoa sendo uma exceção ou deferência a alguma autoridade ou feita por ausência do Past Master Imediato. O costume é tão antigo quanto possível e infelizmente não tem servido de exemplo a alguns Irmãos no Brasil.

O Past Master Imediato

O início do Capítulo já traz advertências pertinentes a todo bom Past Master Imediato. O fim dos deveres de Venerável Mestre não querem dizer o fim de todo trabalho ou o momento de sair de cena. Este momento exige um delicado trabalho,

Se cabe ao Venerável trabalho difícil ao administrar a Loja e conduzir, ou pelo menos presidir suas cerimônias, o Past Master Imediato tem um ainda mais exigente, pois precisa zelar pelo seu sucessor, aconselhá-lo, orientá-lo e até, se possível, prever todos os seus erros durante a sessão. (p. 115)

Redman dedica um Capítulo para transmitir os usos e costumes e como funcionam as sessões à cada sexta-feira com o intuito de ajudar àqueles que aspiram fazer parte daquela Oficina, ganhar o prêmio da Caixa de Fósforos de Prata, concedido aos que realizam as Cerimônias de cor, ou apenas conhecer basicamente como a sessão acontece.

O encerramento da segunda parte é um conjunto de dicas e processos mnemônicos para as preleções, que são as instruções formais repassadas aos membros da Loja. As preleções são em número de três, sendo uma para cada Grau e dividem-se em sete seções para o primeiro, 5 para a segunda e três para o terceiro. Elas seguem o estilo perguntas e respostas descrevendo o cerimonial do Grau e algo mais como simbolismo e os ensinamentos atinentes ao grau.

Parte III: Capítulos Adicionais

Esta parte traz oito capítulos versando sobre os cargos adicionais, a saber, o Capelão, o Diretor de Cerimônias, o Esmoler, o Mestre de Caridade, o Assistente do Diretor de Cerimônias, o Organista, o Assistente do Secretário e o Mestre de Banquetes.

Estes cargos são adicionais pois não são essenciais ao trabalho regular e outros Oficiais podem fazer suas partes, porém, ganharam Capítulos a parte porque têm sua importância na ajuda aos Oficiais regulares e podem facilitar os trabalhos.

Alguns têm características bem peculiares como o Capelão que deve ser privativamente um clérigo e na falta de um, o próprio Venerável Mestre desempenhará suas funções.

Já o Diretor de Cerimônias tem tantos deveres que seu Capítulo dividiu-se em três partes relativas a cerimônias e aos banquetes e tem um assistente que o ajudar nestas funções. Seus deveres podem ser exercidos pelo Past Master Imediato, pois se referem à orientação sobre os procedimentos e rituais, bem como às escoltas.

O Organista é sempre alguém que sabe fazer uso do piano ou do teclado, fato que não é tão comum quanto necessário. Assim, até mesmo pessoas de fora da Loja podem exercer esta função. cremos que por isto ele não seja instalado juntamente com os demais e apenas receba o colar das mãos do Venerável. Seu maior atributo deve ser a descrição e o bom gosto na escolha do que tocar (ou não tocar) nos momentos devidos.

Os Mestres de Banquetes tem como função servir as bebidas e a comida nas refeições o que não se encaixa no assunto do livro. O mesmo se aplica ao Assistente do Secretário, ao Mestre de Caridade e ao Esmoler. Estes dois últimos, responsáveis pelo bem estar dos membros e dependentes são de escolha obrigatória bem recentes.

Os dois apêndices relativos à pronúncia e aos processos mnemônicos e dicas de estudos encerram o livro. O último destes traz seis dicas de como memorizar o ritual e aconselha enfaticamente que mais importante que apenas recitar suas partes é importante compreendê-la.

Comentário Final

A obra em questão mostra-se um material importante para ser empregado juntamente com o Ritual e sua riqueza de detalhes certamente podem ajudar qualquer Maçom a se tornar um ritualista proficiente nos costumes ingleses referentes Emulação. Se, no entanto, levarmos em conta que outros trabalhos têm sido feitos neste sentido e até são mais usados no Brasil, o outro aspecto do livro assume importância igual ou maior. Ele é escrito por alguém que não somente tem mais de trinta anos de prática regular, como os ensina diretamente da fonte. cremos que isto seja o suficiente para que suas informações gozem de maior respeitabilidade e aceitação.

É notável ainda que apesar destas contribuições trazidas por este livro, sua flagrante destinação aos Maçons do Grande Oriente do Brasil, constitui-se um desleixo ao desconsiderar as Lojas das demais obediências que praticam o Ritual, além da insistência em denominar um Ritual

como Rito e ainda atribuir-lhe o nome York sem que haja aparente motivo para isto, além da vontade de alguns. Tais considerações não são suficientes para torna-lo menos recomendável à leitura, o que propõe-se que seja feito juntamente com o ritual em mãos para um melhor compreensão. A simples leitura de qualquer resenha será insuficiente para traduzir a riqueza do material, visto que esta reside nos detalhes que seriam impraticáveis e indevidos de se reproduzir em uma resenha.